

Eixo Temático: Estratégia e Internacionalização de Empresas

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO MERCADO EXPORTADOR BRASILEIRO
DE CACAU PARA ARGENTINA E ESTADOS UNIDOS**

**ANALYSIS OF THE COMPETITIVENESS OF THE BRAZILIAN EXPORTING
COCOA MARKET TO ARGENTINA AND UNITED STATES**

Alison Geovani Schwingel Franck, Caroline Dalcin Ebert, Rodrigo Abbade Da Silva, Daniel Arruda
Coronel, Mygre Lopes Da Silva e Aline Beatriz Schuh

RESUMO

Este trabalho buscou analisar a competitividade das exportações brasileiras de cacau para Argentina e Estados Unidos, no período entre 1999 e 2015. Para isso, calcularam-se os indicadores de Índice de Orientação Regional (IOR) e o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR). Os dados foram coletados junto às bases de dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE WEB) e da *United Nations Commodity Trade Statistics Database* (UNCOMTRADE). Os resultados indicaram que a Argentina é um importante mercado consumidor do cacau brasileiro, pois essas exportações estão orientadas ao longo do período em questão, além de representarem uma oportunidade de crescimento das relações entre ambos os países. Contudo, para o mercado norte-americano, as exportações brasileiras de cacau foram pouco orientadas. Ainda há vantagem comparativa do Brasil no mercado de cacau, apesar de estar diminuindo desde 2008.

Palavras-chave: Exportações, Brasil, Cacau.

ABSTRACT

This study aim to examine the competitiveness of Brazilian exports of cocoa to Argentina and United States in the period between 1999 and 2015. For that, we calculated the index indicators of Regional Orientation (IOR) and the index of Revealed comparative advantages (IVCR). The data were collected by the data bases of the Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE WEB) and the *United Nations Commodity Trade Statistics Database* (UNCOMTRADE). The results indicated that Argentina is an important consumer market of Brazilian cocoa, because these exports are directed over the period in question, and also represents a growth opportunity for relations between both countries. However, for the United States market, Brazilian exports of cocoa were little orientated. There is still Brazil's comparative advantage in the cocoa market, although decreasing since 2008.

Keywords: Exports, Brasil, Cocoa.

1 INTRODUÇÃO

A abertura da economia nacional a partir de 1990 proporcionou maiores chances da entrada de produtos agrícolas brasileiros no mercado internacional, deste modo como a inserção de diversos produtos no mercado interno. Outro fato, é que a partir de 1999, a desvalorização do real frente ao dólar norte-americano engendrou um aumento nas exportações do Brasil para o mercado externo (SANTOS; CAVALCANTE; DA SILVA FILHO, 2013).

Com o mercado favorável o país passou a exportar ainda mais *commodities* principalmente as agrícolas. Historicamente o país é grande exportador no setor onde se destacam principalmente as *commodities* tradicionais, como petróleo, minerais metálicos e alimentos. As exportações brasileiras de *commodities* representam cerca de 80,0% das exportações brasileiras (ESPÍNDOLA, 2013).

Por meio da maior inserção dos produtos agrícolas no cenário internacional, a produção cacaueteira do Brasil passou a ter mais importância produtiva no mercado interno. O cacau produzido no Brasil é considerado um produto nobre e tradicional da agricultura do país, contudo enfrentou um momento de recuperação econômica. A crise se deu por meio de conjuntura externa que não foi positiva pois ocorreu uma diminuição dos preços internacionais ocasionados por meio da maior produção mundial fator que gerou acúmulo de estoque dos países produtores. No cenário da conjuntura interna houve uma devastação causada pela doença conhecida como “vassoura de bruxa” nos cacauetes brasileiros, principalmente no Sul da Bahia, o maior produtor da região (MORAES; ALBUQUERQUE; 2006).

Não somente a doença vassoura-de-bruxa ocasionada pelo fungo *Moniliophthora perniciosa*, que genótipo interfere claramente na qualidade das amêndoas, pois tem uma ajuda nos primórdios do sabor e aroma do chocolate foi responsável pela redução dos preços dos produtos. Segundo (ABE, 2011) a crise financeira global de 2008 fez com que os preços interrompessem sua trajetória de alta, mas apenas para ser retomada alguns meses depois. Neste contexto, países com elevada participação de *commodities* em suas pautas de exportação têm se beneficiado desta alta de preços já duradoura, melhorando suas contas correntes, reduzindo dívida externa e construindo robustos colchões de reservas. Além disso, estes países têm mostrado valorização importante de seus índices de renda variável, diante do elevado peso de empresas exportadoras de *commodities* nos respectivos mercados de renda variável.

Apesar dos problemas ocasionados da vassoura-de-bruxa, a cacauicultura do Brasil encerrou o ano de 2010 com dois resultados excelentes. Um resultado positivo de produção e o seguinte de qualidade. A produção nacional passou a marca das 220 mil toneladas, com aumento de 45% em relação ao ano anterior o que colocou o Brasil no posto de 5º lugar, um acima no ranking mundial da produção. Na questão de qualidade, o cacau do Brasil ficou entre os 50 melhores do mundo, ganhando o título de Cacau de Excelência como o melhor cacau da América Latina, na categoria Cacau Chocolate (CRUZ, 2013).

Dentre os principais problemas que ocorreram no setor cacaueteiro brasileiro podemos apontar o elevado grau de endividamento dos produtores, a importação por meio do modelo *drawback*, a concorrência entre os países exportadores com grande incidência de trabalho escravo e infantil e a ausência de políticas governamentais de apoio ao produtor de cacau. O Brasil, que foi um dos líderes mundiais na exportação da amêndoa, teve uma grande queda de produção no início dos anos 90 em virtude da crise provocada pela “vassoura-de-bruxa” e do elevado grau de endividamento dos produtores. Com isso, a produção nacional de cacau tornou-se insuficiente para atender a demanda interna. Nesse contexto, o regime do *drawback* passou a ser utilizado em larga escala pelas indústrias processadoras da amêndoa (MARINHO, 2008).

No cenário atual o cacau ainda se mantém como um produto importante para as receitas brasileiras, tendo como principais destinos a Argentina e os Estados Unidos. De acordo com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (2016), os Estados Unidos sempre foram destino de grande parte da produção brasileira, sendo que a adoção de políticas estatais centralizadoras favoreceram o planejamento econômico do país. O país pode ser destacado como sendo um dos principais importadores da amêndoa produzida no Brasil, principalmente a manteiga de cacau que é produzida no Brasil, dando destaque principalmente para a Bahia principal produtor de cacau com a finalidade de exportação.

No comércio do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) apesar do Uruguai ter tido um crescimento significativo na importação do cacau brasileiro, a Argentina segue sendo o país do bloco que mais importa o produto brasileiro em quantidade sendo que no ano de 2011 o país importou o equivalente a US\$ 36.409.268 da amêndoa brasileira (VASCONCELOS et al., 2013).

A importância da pesquisa é analisar o grau de competitividade dos principais mercados importadores da produção do cacau produzido no Brasil. Como historicamente os principais mercados são Argentina e Estados Unidos a pesquisa tem como ideia analisar como o setor cacaueiro pode ser um meio de fomento na elaboração de novas políticas de desenvolvimento do comércio internacional brasileiro do setor a fim de tornar a produção brasileira ainda mais competitiva, gerando mais riquezas ao país.

O objetivo deste artigo é analisar o grau de competitividade do cacau produzido no Brasil exportado para a Argentina e Estados Unidos, aquele pelo fato de ser membro do Mercosul, com o qual o Brasil possui forte relação comercial. Esse com a relação marcada por importações de produtos básicos brasileiros, os quais são transformados em produtos derivados com maior valor agregado e posteriormente são comercializados com o Brasil e o resto do mundo.

Este trabalho está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção é apresentado o referencial teórico, na terceira têm-se os aspectos metodológicos. Na quarta seção, estão à análise do mercado, e, na última, as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Observa-se que existe relações entre as práticas de atividades comerciais e o desenvolvimento econômico das nações, fator que é estudado por meio das obras de Adam Smith e David Ricardo. Tais autores demonstram por meio de suas análises literárias um dos temas centrais relacionados ao contexto de economia internacional.

O Comércio Internacional ocasionou uma expansão comercial por meio do surgimento de rotas marítimas que proporcionaram a conquista de novas áreas territoriais e o processo de troca entre matéria-prima produzida. As nações que conquistaram novos territórios expandiram suas fábricas promovendo um desenvolvimento tecnológico que favorável ao crescimento tecnológico. Esse incremento comercial possibilitou o aparecimento de teorias que demonstram de que modo era possível nações possuírem benefícios comerciais (BEZERRA JÚNIOR, 2001).

A fim de demonstrar como aspectos econômicos estão ligados aos fatores que geram a riqueza das nações é necessário analisar a Teoria das Vantagens Absolutas de Adam Smith e da Teoria das Vantagens Comparativas de David Ricardo.

A Teoria da Vantagem Absoluta demonstra que um país deve se tornar especialista na produção de bens que gerassem uma produção com baixo custo, fator ocasionado pela mão-de-obra em comparação a outros países importar bens de alto custo de fabricação. Na visão

de Adam Smith, a abertura comercial ao exterior é capaz de trazer ganhos as nações, possibilitando um crescimento das riquezas.

Na visão de Ricardo (1817) não apenas o princípio da vantagem absoluta norteava caminho e a probabilidade de se favorecer através do comércio, e sim vantagem comparativa. Com embasamento similar ao de Smith, mas analisando o papel do trabalho como gerador fonte da riqueza, Ricardo elaborou a teoria das vantagens comparativas. Essa aborda conceitos que estão ligados aos princípios comerciais e econômicos no viés do comércio internacional. Deste modo a teoria aborda a cerca de conceitos referentes a produtividade, de custos absolutos de produção, a questão da demanda, de comercialização de um produto entre dois ou mais países, abordando as vantagens e desvantagens no cenário de comercialização internacional. Segundo essa teoria, os fluxos de troca entre as nações refletem vantagens comparativas que elas possuem ao realizar estas transações.

Heckscher e Ohlin analisaram de forma diferente ao de Ricardo o conceito de comércio internacional e comércio inter-regional e percepção dos fatores que ocasionam vantagens comparativas. O modelo desenvolvido por Heckscher e Ohlin, analisava as vantagens comparativas geradas por meio dos diferentes níveis de estoques segundo os diferentes fatores de produção, ponto capaz de alterar o valor de produção dos bens. Países com grau tecnológico mais elevado utilizam diferentes fatores de produção, como área de terra, recursos naturais, mão-de-obra e capital (HECKSCHER; OHLIN, 1991).

De modo geral a “teoria Heckscher-Ohlin” é favorável a menor intervenção estatal. A teoria aponta que no âmbito do comércio internacional cada país se especializa e exporta o bens que necessita utilização de mais uso do fator de produção que existem em quantidade relativamente abundante e comercializando estes para outros países e importam bens que tenham seus fatores produtivos intensivos considerados limitados em território nacional (COUTINHO et al., 2005).

Posteriormente Porter (1993), propôs que era necessário analisar além da vantagem comparativa, para focar na vantagem competitiva das nações, elucidar o conceito de competição, que aborda os mercados segmentados, com produtos diferenciados e grau tecnológico e economias de escala diferenciada. Na visão do autor o conceito é mais relevante da competitividade nacional e faz referência à produtividade, que define o valor produzido, por meio do valor que é gerado por cada unidade de capital que é produzido, características dos produtos e eficiência com que são produzidos.

A obtenção do excedente comercial de acordo com Porter não significa competitividade nacional. O país deve se especializar na produção de bens com alta produtividade o que resulta em maior produção, aumentando deste modo a renda *per capita* da nação. Porter afirma que a produtividade, com o uso de economias de escala, diferenciação de produto, mudanças tecnológicas são fatores essenciais para que exista a vantagem competitiva de um país (PORTER, 1993).

Krugman e Obstfeld (2005) apontava o comércio internacional sendo condicionado por meio dos recursos existentes em cada país. A teoria Heckscher-Ohlin mostra que existe uma relação entre os fatores de produção diferentes disponíveis em uma nação e modo como tais são utilizados para produção de bens distintos.

3. METODOLOGIA

O método utilizado para analisar a competitividade das exportações brasileiras de cacau para Argentina e Estados Unidos baseia-se no cálculo de indicadores de

competitividade aplicados ao comércio internacional, tais como o Índice de Orientação Regional (IOR) e o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR).

Yeats (1998) foi um dos primeiros a se utilizar do Índice de Orientação Regional. O mesmo verificou a existência de criação ou destruição de comércio nos países membros do Mercado Comum do Sul (Mercosul), ou seja, primeiramente utilizando tal índice no intuito de analisar os impactos da criação de um bloco econômico. Porém, ele pode ser empregado na busca por mudanças no padrão do comércio internacional, pela ótica geográfica. Para Yeats (1998), alguns pontos que devem ser considerados para o cálculo desse índice são os que seguem:

- a) caso o estudo se refira a somente um período, o índice fornece uma visão limitada do comércio entre os países. Mas, caso for utilizado para mais períodos, pode mostrar possíveis mudanças na orientação regional do comércio em análise, até mesmo por permitir a comparação entre os períodos, sendo muito útil na análise das transformações nos padrões geográficos desses fluxos;
- b) o índice é determinado por vários fatores os quais podem orientar o comércio a uma determinada região ou não, sejam eles vantagens comparativas, custos de transporte ou barreiras ao comércio em mercados alternativos. Em curto e médio prazo, ele será mais sensível às barreiras comerciais, já que as mudanças nas vantagens comparativas, nos custos de transporte e nas preferências dos consumidores tendem a ser pequenas, de modo que aspectos como a formalização de acordos regionais e alterações nas barreiras comerciais podem influenciar esse índice mais acentuadamente.
- c) Terceiro, vistas isoladamente, variações percentuais nas exportações de diferentes produtos, dentro dos acordos regionais, não indicam variações na demanda em terceiros mercados. Por exemplo, até mesmo produtos com altas taxas de crescimento dentro do bloco podem apresentar redução na orientação regional das exportações se as exportações extra-regionais estiverem crescendo mais rapidamente. O Índice de Orientação Regional não apresenta esse problema. O IOR pode ser expresso da seguinte forma:

$$IOR = (X_{CR}/X_R) / (X_{CE}/X_E) \quad (1)$$

em que:

X_{CR} representa as exportações brasileiras de cacau para determinada região R ;

X_R representa o total das exportações brasileiras para determinada região R ;

X_{CE} representa as exportações brasileiras de cacau para extra-região R ;

X_E representa o total das exportações brasileiras para extra-região R .

O Índice de Orientação Regional mostra a tendência de exportação de uma determinada *commodity* a um país ou bloco comercial. O índice possui os extremos de 0 a ∞ ($0 \leq IOR \leq \infty$), e, quanto mais próximo de 1, mostra a mesma tendência a exportar a *commodity*, cacau, para a região em questão, (Argentina ou Estados Unidos). Conforme cresce o valor, é possível perceber uma maior orientação das exportações brasileiras de cacau para a Argentina e/ou EUA (LOPES et al., 2013).

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) é uma razão de proporções cujo resultado é obtido por meio da divisão da participação das exportações do produto x na pauta de exportações do país b , pela participação das exportações do mesmo produto x na pauta mundial de exportações (w), ou seja, seu resultado revela se um determinado país, neste caso Brasil, possui ou não vantagens comparativas, ao comparar a participação do bem x , cacau, dentro da pauta exportadora brasileira com a mundial (WAQUIL et al., 2015).

Em tal índice, Yeats (1998) observa que os fluxos intrarregionais (considerando os acordos nos quais o país participa) podem ser excluídos, para refletir melhor a capacidade de o país competir nos mercados internacionais, sem a presença de distorções ou tratamentos preferenciais. Em geral, o índice comumente é calculado para produtos processados ou manufaturados, porque o comércio internacional de produtos agrícolas é bastante distorcido pela presença de subsídios à exportação e barreiras comerciais, que podem tornar tendenciosa a análise.

Inicialmente proposto por Balassa (1965), o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), baseado nas Vantagens Comparativas de David Ricardo, busca analisar a estrutura relativa das exportações de determinada *commodity* de um país ou região ao longo do tempo. O índice pode ser escrito da seguinte forma:

$$IVCR = (X_{BC}/X_B) / (X_{WC}/X_W) \quad (2)$$

onde:

X_{BC} representa as exportações brasileiras de cacau;

X_B representa as exportações brasileiras totais;

X_{WC} representa as exportações mundiais de cacau;

X_W representa as exportações mundiais totais.

O IVCR pode variar de zero a infinito e caracteriza os valores maiores que 1 como o de produtos possuidores de vantagem comparativa, ou seja: Se o $IVCR > 1$, o país apresenta vantagens comparativas reveladas nas exportações do bem, e assim, se o Brasil apresenta vantagens comparativas nas exportações de cacau em relação aos demais países. Caso $IVCR < 1$, o país apresenta desvantagens comparativas reveladas nas exportações do produto em questão (CORONEL et al., 2008). É um indicador da superioridade do nível de eficiência produtiva e de comercialização brasileira frente aos demais países que atuam no mercado internacional (WAQUIL et al., 2015).

3.1 FONTE DE DADOS

Os dados referentes às exportações brasileiras e mundiais foram coletados junto às bases de dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE WEB) e da *United Nations Commodity Trade Statistics Database* (UNCOMTRADE), respectivamente, com código 18 para o cacau, com periodicidade anual, do período de 1999 até 2015.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

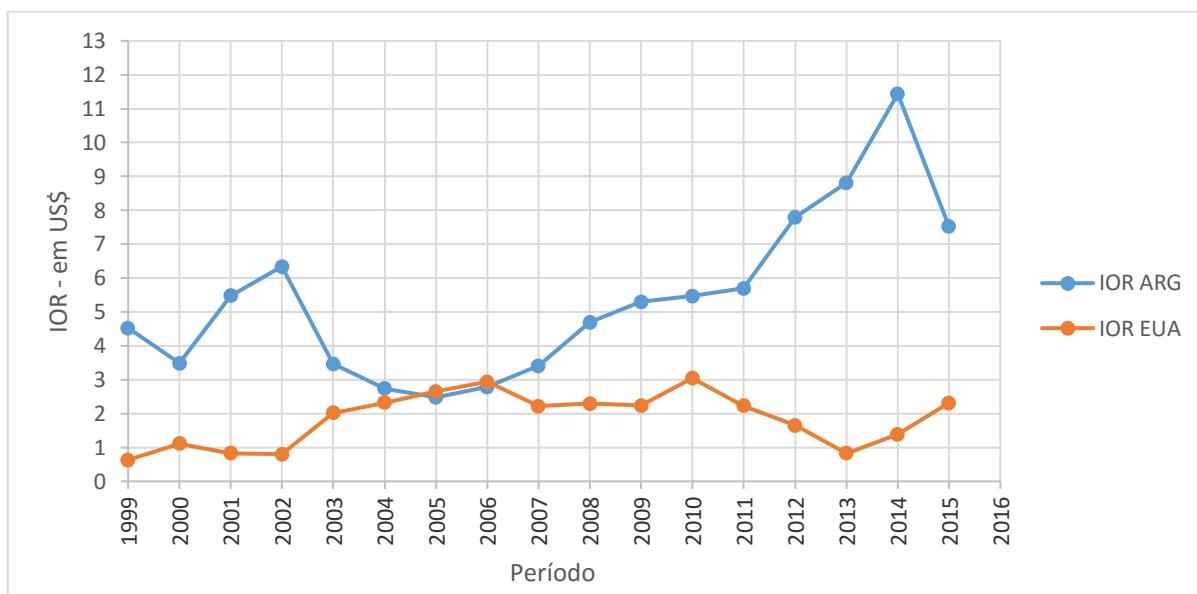
A análise dos resultados da pesquisa trata-se da orientação regional das exportações brasileiras de cacau, destinadas à Argentina e aos Estados Unidos, e das vantagens comparativas reveladas destas exportações em relação ao mundo.

4.1 ANÁLISE DO ÍNDICE DE ORIENTAÇÃO REGIONAL (IOR)

O Índice de Orientação Regional (IOR) permite identificar se as exportações brasileiras de cacau estão sendo orientadas para a Argentina e os Estados Unidos. De acordo

com a Figura 1, os valores calculados para o IOR das exportações brasileiras de cacau para a Argentina foram maiores do que a unidade em todo o período analisado, indicando, desta forma, que estas exportações estão sendo orientadas para este país.

Figura 1- Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de cacau para a Argentina (ARG) e Estados Unidos (USA) (1999-2015).



Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados do Sistema Alice Web

Além disso, pode-se ressaltar que o índice apresenta tendência crescente na orientação para a Argentina durante quase todo o período, principalmente a partir de 2006, devido ao aumento das exportações brasileiras de cacau para este destino. Desta forma, de 1999 a 2015, as exportações brasileiras de cacau para a Argentina obtiveram uma participação média de 30,54% das exportações totais do país desta *commodity* (BRASIL, 2016a).

Observa-se que o Brasil foi o principal exportador de cacau para a Argentina em 2015, representando cerca de 85,64% das importações argentinas da *commodity* (UNCOMTRADE, 2016). O segundo principal mercado fornecedor de cacau à Argentina é a Itália, a qual supriu 3,68% destas importações, em 2015 (UNCOMTRADE, 2016).

O Brasil, como potência regional, a qual tem uma enorme importância estratégica da América do Sul na sua política exterior, teve sua parceria estreitada com a Argentina a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Como a agricultura brasileira se desenvolveu mais que a Argentina (por ter tido uma maior modernização nas máquinas e equipamentos para plantio e colheita), o país conseguiu ser mais produtivo na produção de cacau. Leva-se em consideração também que o Brasil possui uma qualidade do solo ou extensão de terras férteis para produzir maior que a Argentina, e por isso é mais vantajoso produzir no Brasil em grande quantidade com menores custos e exportar para Argentina. Assim, os agricultores brasileiros ganharam melhores condições tecnológicas para enfrentar a concorrência no mercado agrícola internacional. O uso de máquinas de última geração deu à agricultura brasileira nas últimas décadas produtividade ainda maior. E assim, com o bom desempenho apresentado, vem estimulando os fabricantes, especialmente os de tratores, a fazer novos investimentos no Brasil, com a produção de equipamentos mais modernos e competitivos, visando a suprir o mercado interno e, principalmente, exportar (UNESP, 2016).

Contudo, de acordo com a Figura 1, as exportações brasileiras de cacau foram orientadas para os Estados Unidos entre 2002 e 2006, principalmente. Esse fato pode estar relacionado com um período de pequena melhora de exportações, quando após anos de ocorrência da vassoura de bruxa, houve um melhor controle de tal no período, provocando uma maior produção e um reaquecimento do mercado (VASCONCELOS et al., 2013). Segundo a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), “Vassoura de bruxa” é uma praga (cujo nome científico é *Moniliophthera perniciososa*) que afeta os ramos dos cacauzeiros, deixando-os secos, com uma aparência de vassoura velha, após, reaquecimento do mercado (FILHO et al., 2008).

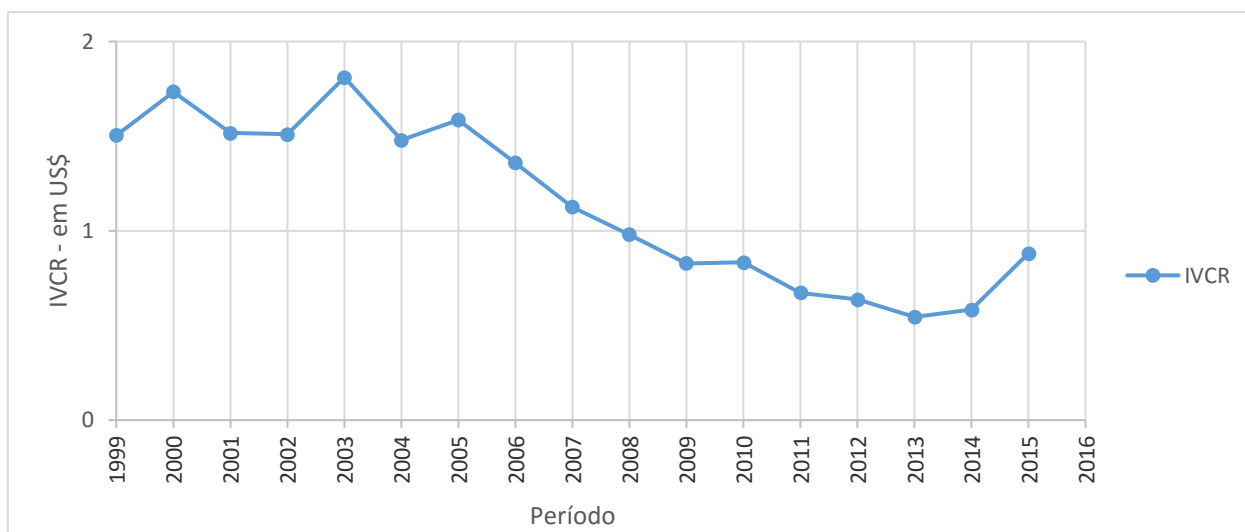
O índice não apresenta grandes acréscimo e nem perdas nos EUA, e, portanto, não se pode indicar se há uma tendência de crescimento ou queda. De 1999 a 2015, as exportações brasileiras de cacau para os Estados Unidos obtiveram uma participação média de 24,97% das exportações totais do país desta *commodity* (ALICE WEB, 2016).

Desta forma, o Brasil encontra-se na 5ª posição entre os principais exportadores de cacau para o mercado norte-americano, em 2015. O principal fornecedor de cacau ao mercado dos EUA é o Canadá, o qual representou 52,54% das importações norte-americanas da *commodity*, em 2015 (UNCOMTRADE, 2016). O mercado canadense não é o principal produtor de cacau, porém reexporta este produto com maior grau de beneficiamento, industrializado. Pode-se levantar a hipótese de que as exportações para o mercado argentino são mais orientadas devido à proximidade geográfica, e que isto seja um facilitador de exportações: assim como o Brasil é o principal fornecedor de cacau para a Argentina, um país vizinho, no caso norte-americano, o principal país fornecedor de cacau é o Canadá, vizinho do mesmo. Assim, quanto maiores forem as semelhanças entre os países, seus costumes, tradições e a proximidade geográfica, mais simples é a entrada no mercado externo, ou seja, quanto mais familiaridade ocorrer nas transações, menor será a distância psíquica aumentando as chances de adentrar a esse mercado e ocorrer comércio (LIBERATO; VERDU, 2016).

4.2 ANÁLISE DO ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS (IVCR)

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) permite identificar a importância do cacau na pauta de exportações brasileiras em relação às exportações mundiais, no período de 1999 a 2015, conforme a Figura 2.

Figura 2 - Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) das exportações brasileiras de cacau (1999- 2015).



Fonte: Elaborada pelos autores, a partir de dados do UNCOMTRADE.

De acordo com a Figura 2, os valores calculados para o IVCR não foram significativamente maiores que a unidade no período, apresentando tendência de queda desde 2005, com uma pequena elevação no ano de 2015, mas mesmo assim apresentando valor inferior a 1, ou seja, menor que a unidade, desde o ano de 2008, indicando que o cacau do Brasil não possui vantagem comparativa ou competitividade em nível mundial nas exportações desta *commodity*. Tal setor está readquirindo a condição de exportador em potencial do agronegócio brasileiro devido à retomada de exportações do estado da Bahia (maior produtor), o qual que, em virtude da praga “vassoura-de-bruxa”, teve sua produção afetada desde a década de 90, por mais de 20 anos. A “vassoura-de-bruxa” provocou no país uma crise sem precedentes na cadeia produtiva, afetando, sobretudo, a produção. Depois de alcançar uma safra de 384.327 toneladas, no ciclo 1990/1991, o que levou Brasil à posição de segundo produtor de cacau no ranking mundial, a colheita despencou para 123.006 toneladas, na temporada 1999/2000 (BRASIL, 2016b). O Brasil teve picos de quedas de exportação mundial, enquanto mercados, tais como Costa do Marfim (principal exportador mundial), e Equador (cujas exportações, em número, são semelhantes às do Brasil) apenas incrementaram o valor exportado para o mundo ao longo do período (UMCONTRADE, 2016).

Segundo a CPLAC (2016), outras causas também apontadas pela literatura para o baixo desempenho do setor cacauicultor, as quais podem ter contribuído para diminuir o total produzido, e conseqüentemente, exportado, no decorrer do período, são: os baixos preços internacionais na década de 90, e as condições climáticas desfavoráveis. Esses fatores, juntamente com a vassoura-de-bruxa, fizeram com que o Brasil perdesse competitividade no mercado internacional, e por conta da queda da produção, a demanda das indústrias moageiras brasileiras não foi atendida, de forma que o país se tornou importador do produto, principalmente do produto em grãos para atender ao parque industrial, ao mesmo tempo em que se assistiu um declínio acentuado das exportações. O início das importações ocorreu entre 1992/93, com 2171 toneladas importadas, mas o ápice foi no ano de 2009, quando o país comprou no mercado internacional cerca de 74 mil toneladas, o equivalente a US\$ 178 milhões.

Soma-se a tudo isto a preocupação dos produtores brasileiros de cacau com o regime aduaneiro especial de *drawback*, adotado por mercados concorrentes, e não sendo adotado pelo Brasil. Tal regime consiste na suspensão ou eliminação de tributos incidentes sobre insumos importados para utilização em produto a ser exportado. O mecanismo funciona como um incentivo às exportações, pois reduz os custos dos produtos exportáveis, tornando-os mais competitivos no mercado internacional. É adotado por Costa do Marfim, Gana e Camarões, grandes exportadores que apresentam custos de produção inferiores aos do Brasil. Além de tudo isto, dos desafios internos, os cacauicultores brasileiros sujeitam-se à concorrência desleal praticada pelos exploradores de mão de obra escrava e infantil. Os produtores brasileiros estão submetidos a uma rígida legislação trabalhista que possui influência direta no custo de produção, afetando significativamente a competitividade dos produtos (SILVEIRA, 2016).

Verifica-se que o IVCR é decrescente ao longo da série analisada, indicando que a competitividade brasileira no mercado mundial de cacau tem-se reduzido neste período. Neste sentido, pode-se ressaltar que o crescimento das exportações de cacau de outros países foi superior ao crescimento das exportações brasileiras desta *commodity*, o que justifica, portanto, a queda das vantagens comparativas exportadoras brasileiras (UNCOMTRADE, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a competitividade das exportações brasileiras de cacau, mais especificamente para a Argentina e os Estados Unidos, por meio de indicadores de comércio internacional. Observou-se, neste estudo, que a Argentina é um importante mercado consumidor do cacau brasileiro, pois essas exportações estão orientadas ao longo do período em questão, além de representarem uma oportunidade de crescimento das relações entre ambos os países. Contudo, para o mercado norte-americano, as exportações brasileiras de cacau foram pouco orientadas, e isto pode ser um possível reflexo de alguns aspectos, tais como os países pertencerem a diferentes blocos econômicos, custos de frete, entre outros, que podem diminuir a competitividade na exportação de *commodities* para os EUA. Para agregar mais valor às suas exportações, o Brasil poderia tentar exportar seus produtos com um maior grau de beneficiamento, assim como faz o mercado canadense.

Destaca-se que as vantagens comparativas do Brasil no mercado de cacau são decrescentes, e estão abaixo de 1 desde o ano de 2008, seja pela elevada participação de outras regiões nestas exportações, seja pela falta de competitividade em termos de agregação de valor ao produto exportado, seja pela queda da participação de tal *commodity* na pauta exportadora brasileira. Desta forma, a competitividade das exportações brasileiras depende de ações estratégicas por parte do setor privado e do ambiente institucional para agregar mais valor ao produto exportado desenvolver novas técnicas para combater as pragas que prejudicam as plantações de cacau.

Como limitações do presente trabalho, tem-se a não inclusão de variáveis que tratam das economias argentina e norte-americana, como taxas de crescimento econômico, por exemplo, bem como a ausência de um comparativo entre os principais exportadores de cacau para estes destinos.

A partir deste trabalho, vários outros aspectos podem ser analisados, tais como estudos mais avançados sobre a identificação de fatores relacionados à competitividade do cacau, bem como simulações de cenários, através de modelos de Equilíbrio Geral Computável e de Alocação Espacial, os quais apontem os ganhos que o país poderá ter na perspectiva de

quedas das barreiras tarifárias e não tarifárias que os principais mercados importadores impõem, bem como estimações, considerando os custos de produção.

REFERÊNCIAS

ABE, M. M. A crise de 2008 e seu impacto em países economicamente dependentes de commodities. 2011.

BALASSA, B. Trade Liberalisation and “Revealed” Comparative Advantage. **The Manchester School**, v. 33, n. 2, p. 99–123, maio 1965.

BEZERRA JÚNIOR, W. F. Comércio internacional e os blocos econômicos. **Adcontar, Belém**, v. 2, n. 1, p. 7–10, 2001.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior. AlicewebMercosul - MDIC/SECEX.** Disponível em: <<http://aliceswebmercopol.desenvolvimento.gov.br/consulta/index>>. Acesso em: 18 mar. 2016a.

BRASIL. **Retomada das exportações de cacau dá novo ânimo aos produtores.** Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2015/11/retomada-das-exportacoes-de-cacau-da-novo-animo-aos-produtores>>. Acesso em: 9 jun. 2016b.

CORONEL, D. A. et al. Exportações do complexo brasileiro de soja vantagens comparativas reveladas e orientação regional. **Revista de Política Agrícola**, v. 17, n. 4, p. 20–32, 2008.

COUTINHO, E. S. et al. De Smith a Porter. **REGE. Revista de Gestão**, v. 12, n. 4, p. 101, 2005.

CPLAC. **Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.** Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/>>. Acesso em: 9 jun. 2016.

CRUZ, J. F. M. Caracterização das sementes de variedades de cacau Theobroma cacao L. resistentes à vassoura de bruxa durante a fermentação e após a secagem. 2013.

ESPÍNDOLA, C. J. Notas sobre as recentes exportações brasileiras de commodities agropecuárias. **Rev. Princípios, Ed. Anita Garibaldi**, n. 125, p. 44–49, 2013.

FILHO, L. P. DOS S. et al. **PRODUÇÃO DE CACAU E A VASSOURA-DE-BRUXA NA BAHIA.** Itabuna: CEPLAC/CEPEC, 2008.

HECKSCHER, E.; OHLIN, B. **Heckscher-Ohlin trade theory.** [s.l.] The MIT Press., 1991.
KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional: teoria e política.** 6. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

LIBERATO, J. S.; VERDU, F. C. O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA EMPRESA INSTALADA EM MARINGÁ. **Caderno de Administração**, v. 23, n. 2, p. 40–51, 2016.

LOPES, M. M. et al. Análise da competitividade e das exportações agrícolas brasileiras para a China: uma análise do complexo soja e fumo. **Revista Uniabeu**, v. 6, n. 13, p. 189–208, 2013.

MARINHO, P. L. **O Estado e a economia cacauera da Bahia**. Anais eletrônico... Congresso Brasileiro de História Econômica. **Anais...**2008

MORAES, M. C.; ALBUQUERQUE, A. P. Previsão para o preço futuro do cacau através de uma série univariada de tempo: uma abordagem utilizando o método ARIMA. In: XXX EnANPAD, Salvador, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

PORTER, M. **A vantagem competitiva das nações**. 15. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 1993.

RICARDO, D. **Principles of Political Economy and Taxation**. [s.l.] P. Sraffa and M. Dobb, 1817.

SANTOS, P. L.; CAVALCANTE, A. W. P.; DA SILVA FILHO, L. A. A competitividade do cacau baiano frente ao comércio internacional. **Revista Economia & Tecnologia**, v. 9, n. 4, 2013.

SILVEIRA, E. M. DA. **Os problemas conjunturais da cacauicultura nacional**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/areas-da-conle/tema2/2015_17468_os-problemas-conjunturais-da-cacauicultura-nacional_eduardo-maia-da-silveira>. Acesso em: 9 jun. 2016.

UNESP. **Agricultura: sempre uma safra de boas notícias**. 20. ed. São Paulo, SP, Brasil.: UNESP, 2016.

UNITED NATIONS COMMODITY TRADE STATISTICS DATABASE- UNCOMTRADE. **Express Selection**. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/db/>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

VASCONCELOS, M. A. S. et al. **DESEMPENHO DO COMÉRCIO BRASILEIRO DE CACAU NO MERCOSUL, DE 1990 A 2011**. Parnaíba: SOBER, 2013.

WAQUIL, P. D. et al. VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS E ORIENTAÇÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS BRASILEIRAS PARA A UNIÃO EUROPÉIA. **Revista de Economia e Agronegócio-REA**, v. 2, n. 2, 2015.

YEATS, A. Does Mercosur's trade performance raise concerns about the effects of regional trade arrangements? **The World Bank Economic Review**, 1998.